

por R. Luther, em —Neutestamentliches Wörterbuch||, Furche-Verlag. Dentre os comentários sejam citados: • A explicação de W. Schütz, na série —Bibelhilfe für die Gemeinde|| vol. IV. Quem deseja ter o evangelho de João num esquema rápido terá nesse texto um auxílio excelente, que combina a brevidade com a força e a profundidade espiritual. • Na série —Das Neue Testament Deutsch|| [NTD] o evangelho de João foi inicialmente trabalhado por F. Büchsel. A exegese foi feita com esmero e é reservada diante de considerações críticas. • O comentário mais recente do NTD ao evangelho é de H. Strathmann. Essa exegese é viva e concreta, porém de orientação crítica moderna. A obra de A. Schlatter, —Erläuterungen zum NT||, vol. III, constantemente mostra o seu valor. Nela o leitor é confrontado com o próprio texto e poupado de teorias críticas. • T. Jänicke, —Die Herrlichkeit des Gottessohnes||, 1949, Verlag Haus und Schule, Berlim. • W. Brandt, —Das ewige Wort||, Evangelische Verlagsanstalt, Berlim. • W. Lüthi, —Johannes, das vierte Evangelium||, Reinhardt Verlag, Basileia, 1963. • G. Spörri, Das Johannesevangelium|| 1. und 2. Teil, Zwingli-Verlag, Zurique, 1963. Na coletânea —Der kirchliche Unterricht an höheren Lehranstalten||, o vol. III, —Lektüre des Johannesevangeliums||, é de autoria de Marianne Timm, Evangelischer Presseverband, Munique, 1960. Um bom comentário católico é apresentado na série Herders Theologischer Kommentar zum Neuen Testament, —Das Johannesevangelium Teil 1||, por R. Schnackenburg, Herder, Freiburg 1965. Quem deseja obter orientação dos pais do passado busque o comentário —Gnomon||, de Johann Albrecht Bengel (tradução alemã: C.F. Werner, Berlim, 1952). Uma exposição singular do —Evangelium St. Johannes|| é trazida por Vilmar em seu —Kollegium Biblikum||.

Comentários científicos existem em grande abundância. Continua muito precioso o de F. Godet, Kommentar zu dem Evangelium des Johannes, Hannover, Berlim, 1903. • Theodor Zahn, —Das Johannesevangelium||, Leipzig 1920, destaca-se pelo minucioso trabalho filológico no texto. • Walter Bauer, —Das Johannesevangelium|| na série Handbuch zum NT, ed. por H. Lietzmann, vol. VI, Tübingen 1933. É uma obra rica em referências bibliográficas e históricas. • R. Bultmann, —Das Evangelium des Johannes||, Göttingen 1956. Mesmo quem defende um pensamento teológico completamente diferente de Bultmann há de apreciar o esmero, a riqueza de conhecimentos e a clareza exegética de muitas explicações desse comentário.

COMENTÁRIO O MISTÉRIO DA PESSOA DE JESUS – João 1.1-5 – No princípio era o Verbo (o Logos), e o Verbo (o Logos) estava com Deus, e o Verbo (o Logos, por espécie) era Deus. 2 – Ele estava no princípio com Deus. – Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. – A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. – A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. O propósito é relatar sobre a maior grandeza que existe no mundo, sobre aquilo que é a única magnitude realmente grande e

importante, Jesus Cristo, seu viver, falar, atuar, sofrer, morrer e ressurgir. O presente relato deverá mostrar à igreja crente em Jesus toda a —glória|| de Jesus, para fortalecer, purificar e aprofundar sua fé. Como, porém, deverá —principiar|| esse relato? 1/2 João deixa de lado tudo o que Mateus e Lucas informam sobre o nascimento e a infância de Jesus. Isso já é do conhecimento da igreja. E, por si só, ainda não é o essencial e decisivo que precisa ser dito sobre o mistério da pessoa de Jesus. Logo no início de seu escrito, João visa dirigir o olhar de seus leitores justamente para esse mistério, para que compreendam de maneira correta tudo o que é relatado sobre Jesus. Pois seu objetivo é mostrar em todo seu escrito que os dons, os feitos e as atuações de Jesus não são o mais importante, mas sim o próprio Jesus em sua pessoa, em seu maravilhoso ser. É por isso que os pontos culminantes do evangelho, conforme nos assegura João, são as grandes palavras —eu sou|| de Jesus. Jesus não apenas concede água, pão, vida, ressurreição. Jesus pessoalmente é tudo isso. Ele apenas tem condições de —dá-lo|| verdadeiramente a nós porque ele próprio o é por essência. Por isso, João não consegue expressar o mistério da pessoa de Jesus em apenas breves palavras, como Marcos. Precisa dizer mais a respeito. Por essa razão, começa pelo começo, porém aquele começo que é —o princípio|| em sentido último, aquele —princípio|| com o qual começa, por isso, também a Bíblia: —No princípio, criou Deus os céus e a terra|| (Gn 1.1). De forma consciente, e rejeitando todas as especulações —gnósticas||, João não ultrapassa esse —princípio||. Não tenta olhar para dentro da eternidade pré-criacional de Deus. No entanto, constata o seguinte: Naquele princípio já —era|| ele, a quem conhecemos como Jesus Cristo e do qual há de falar todo o escrito de João. Ele não foi formado somente naquele tempo, junto com tudo o que foi criado, nem tampouco é o ápice maior da criação. Não, ele já —estava|| lá, —estava com Deus||. É por isso que seu lugar é ao lado de Deus, não ao lado do que foi criado: Ele era —Deus por espécie||. E é salientado mais uma vez: —Este estava no princípio com Deus.|| Nessa afirmação, o termo demonstrativo —este|| e toda a repetição da primeira declaração podem conter uma conotação de exclusão e defesa, mais uma vez precisamente em relação à gnose. Não foram quaisquer outros entes e poderes que estiveram no princípio com Deus; não, apenas —este|| estava, apenas este único. Independente do que viermos a ler sobre Jesus, independente de como pronunciarmos o nome Jesus, precisamos saber: Jesus é aquele que certamente está diante de nós como pessoa integral e que não obstante é totalmente diferente de todos nós, também dos maiores e mais nobres entre nós, em sua natureza. Jesus diz isso pessoalmente, em seu modo singelo e, apesar disso, radical: —E

1

prosseguiu: Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou|| (Jo 8.23; sobre isso, cf. Jo 8.58; 17.5; 17.24). No entanto,

João na verdade cita o nome —Jesus|| somente no v. 29, embora já no v. 17 forneça um primeiro indício dele. Afinal, Jesus ainda está para se tornar pessoa humana, e isso constitui um evento fundamental da história da salvação. Agora, —no princípio||, é preciso falar de forma diferente de Jesus, a fim de expor diante de nós o mistério de sua pessoa. —No princípio era o Logos, o _Verbo'||. —O Logos, o Verbo|| —Jesus não foi chamado assim nenhuma outra parte do NT (com exceção de Ap 19,13). Tampouco no presente evangelho esse título retorna. Entre as grandiosas declarações de Jesus, nenhuma diz: —Eu sou o Verbo.|| Por que neste começo do evangelho João sintetizou todo o mistério de Jesus nessa expressão? O que foi que ele compreendeu por —Logos||, o —Verbo||? A pesquisa histórica examinou com grande afinco onde essa expressão —o Verbo||, —o Logos||, ocorre no mundo contemporâneo judaico, grego e oriental do NT e o que significa ali. O que pensava um contemporâneo de João, o que sentia e o que ele via interiormente diante de si, quando lia essa passagem acerca do —Logos||, do —Verbo||? A pesquisa produziu uma plenitude de materiais. Nossa dificuldade, porém, reside justamente na abundância e variedade desse material. Como, afinal, constataremos hoje com alguma certeza exatamente quais concepções de seu tempo e de seu mundo João tinha em mente? Com os leitores de seu livro, porém, deve ter acontecido o que ainda hoje podemos observar em palavras e conceitos polissêmicos: De acordo com sua origem e seu modo próprio de pensar, os leitores traziam consigo entendimentos muito diferentes da expressão —Logos||, —Verbo||. João, porém, não discutiu em pormenores essas acepções distintas do —Logos|| e não se decidiu por uma delas como a mais correta. Seus leitores podem ter imaginado por —Logos|| a —sabedoria|| ou —razão universal||, respectivamente o —sentido|| do mundo, uma lei que perpassa o universo ou uma força que atua em todo o mundo, ou podem ter visto o —Logos|| como um ente divino intermediário entre Deus e o mundo, como ensinavam as teorias da gnose, mas a todos João declara: Tudo o que vocês possam ter imaginado ou presumido até agora sobre o —Logos|| aparece com clareza e realidade plena somente em Jesus Cristo. Somente em Jesus vocês encontram o que vocês presumiam, imaginavam e buscavam. No entanto, ainda que João fale para dentro da situação filosófica e religiosa de sua época e tenha em vista sobretudo a gnose, ele apesar disso é mestre e dirigente da igreja de Jesus. Essa igreja, porém, vive – como evidenciam as cartas de Paulo – mesmo em solo helenista, a partir do AT. E seu próprio apóstolo João é judeu. Conseqüentemente, cabe-nos examinar acima de tudo qual papel o —Verbo|| desempenha no AT. Desde o começo da Bíblia o criar, governar, julgar, dirigir e presentear de Deus acontece constantemente por meio de seu —falar||, de sua —palavra||. Portanto, no AT fala-se muitíssimo do —Verbo|| de Deus. Na perspectiva do AT, ele possui em si poder divino, podendo ocorrer como uma grandeza própria e atuante, com vida autônoma. É por isso que também Ihe é atestada —eternidade|| e se demanda profunda reverência diante dele (Is 41.8s; 55.11; Jr 23.29; Sl 12.6; Sl 119.89). Ao lermos sobre a —sabedoria|| nos Provérbios

de Salomão, no cap. 8.22s: —O Senhor me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra||, encontramos diretamente diante das declarações de João. Ao indagarmos, portanto, pela origem e pelo sentido da primeira afirmação do —prólogo|| de nosso evangelho, poderemos constatar o seguinte: Ela é explicação da Bíblia, interpretação do AT. Contudo, não é uma interpretação que João imaginou, e sim uma interpretação que Deus concedeu pessoalmente por meio do envio de Jesus. Incontáveis leitores e mestres da Bíblia debruçaram-se justamente sobre a misteriosa primeira página da Escritura Sagrada, refletindo e escrevendo muito sobre ela. Diante de todas essas reflexões, João pode dizer, com alegre certeza: O que era —no princípio||, quando Deus —falou||, vocês não precisam mais deduzir pessoalmente. Está diante de vocês de forma palpável em Jesus. João captou que esse —Verbo||, através do qual Deus falou de forma criadora e, depois, repetidamente em forma de mandamento e de dádiva, é realmente uma pessoa autônoma em Deus (como Pv 8.22ss expressa acerca da —sabedoria|| de Deus). João foi capaz de captar isso porque havia reconhecido Jesus como esse —Verbo||. E agora ele o anuncia a Israel, requestando e convocando para a fé: O —Verbo||, sobre o qual vocês têm conhecimento e falam muito, está presente em Jesus com toda a sua verdade e graça, precisamente para vocês. E declara-o à igreja de forma a esclarecê-la e

alegrá-la: Jesus, no qual vocês crêem, é ainda maior e mais glorioso do que muitos de vocês pensam. Ele é o —Verbo|| de Deus, que já estava no princípio com Deus||. Será que João é realmente o único com essa mensagem no primeiro cristianismo, de modo que na verdade temos de ser cautelosos em acompanhá-lo? Não, Paulo também fez a mesma coisa em termos de conteúdo quando citou afirmações de Moisés de Dt 30.11-14 em Rm 10.6ss, reconhecendo Jesus Cristo na —palavra|| de que Moisés falava naquele texto. E também Hb 1.1-3 mostra que outros mestres do cristianismo compreenderam Jesus como a —palavra||, pela qual Deus se expressa integralmente diante de nós. É justamente a partir desse dado que se descortina a compreensão para as afirmações de João. Sabemos o que significa a —palavra|| em nosso relacionamento mútuo. Somente por intermédio da —palavra|| existe a ligação de pessoa para pessoa. Sim, ao fazer uso da palavra, eu mesmo de fato me torno —pessoa|| em sentido pleno. Em todas as falas, mesmo que no solilóquio escondido, tento —me|| expressar. Por meio da —palavra|| estou presente pessoalmente e capto a mim mesmo em meu pensar, sentir e querer. Não obstante, nossa —palavra|| permanece dolorosamente imperfeita. Por isso, quantas palavras desfiamos, e apesar disso não encontramos —a palavra certa||. Com numerosas palavras não somos capazes de nos tornar compreensíveis nem para nós mesmos nem para outros. A humanidade se expressa incansavelmente através de poetas e pensadores, e apesar disso tem de começar sempre do princípio, porque tudo o que foi dito até então ainda não expressa o essencial. Com Deus o caso é bem diferente. Deus se

expressa, quando o quer, de modo perfeito. Para isso ele não precisa de palavras numerosas e sempre renovadas. —Uma vez por todas||, como a carta aos Hebreus gosta tanto de afirmar (Hb 7.27; 9.12; 10.10), ele atesta todo o seu coração e toda a sua natureza por meio de uma única palavra. E essa —palavra|| não é um som, uma série de letras, mas uma pessoa, assim como o próprio Deus é pessoa. Esse —Verbo|| pronunciado por Deus antes de todos os tempos agora aparece autonomamente ao lado de Deus, mas ao mesmo tempo não é nada diferente de Deus em sua essência. João destaca isso especialmente pelo fato de que em sua afirmação —O Verbo estava com Deus|| o —com|| não apenas designa uma circunstância meramente espacial, mas faz soar a conotação de um íntimo —em direção de||. Aquele que é —o Verbo||, é —Deus por espécie||, mas não está simplesmente —ao lado de|| Deus, mas permanece constantemente voltado —em direção de Deus|| em todo o seu ser, integralmente relacionado com Deus e Pai, de cujo eterno —falar|| se originou. Nos v. 14 e 18 (e numerosas vezes mais tarde) esse —Verbo|| enquanto —imagem de Deus|| (Cf. Cl 1.15; 2Co 4.4; Hb 1.3) também é chamado de —Filho||, o —único filho|| do Pai, que —está no seio do Pai||. Contudo, é significativo que neste começo João não empregue o termo —Filho||, e sim a expressão —o Verbo||. Ele escreve numa época em que o contexto gentílico costumava relatar muitas coisas sobre —filhos de Deus||, que haviam sido gerados por deuses. Desde já João pretende afastar essas concepções gentílicas e sensuais do olhar sobre Jesus. Com a ilustração do —Verbo|| proferido pelo Pai, o mistério de Jesus foi revelado com clareza e pureza e seu relacionamento com o Pai foi descrito em contraste com todos os mitos gentílicos. Com essa formulação, que —cristologia|| poderosa, profundamente misteriosa e apesar disso também simples e compreensível temos diante de nós! O mistério, em torno do qual a igreja mais tarde debate a doutrina da Trindade, persiste como tal e pode ser expresso de forma apenas paradoxal: Jesus, o —Filho||, o —Verbo||, é totalmente unido com o Pai e ao mesmo tempo é distinto dele, tendo vida independente. Apesar disso, não se trata de dois deuses lado a lado. Existe somente o único Deus verdadeiro e vivo. Esse Deus, no entanto, como Deus vivo, não é uma unidade rígida e oca. Ele vive em três —pessoas||, uma das quais é o —Filho||. Justamente no testemunho de João a respeito do Filho, que é o —Verbo|| no qual Deus se expressou cabalmente e que por isso é totalmente um com Deus e que ao mesmo tempo, como palavra —proferida|| possui uma vida própria, o mistério pode tornar-se concreto e compreensível para nós, na proporção em que isso for de fato possível. As frases de João começam a brilhar e falar: —No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Este estava no princípio com Deus.|| Sendo Jesus, o Filho, o —Verbo|| segundo sua verdadeira natureza, também define-se de antemão o relacionamento correto das pessoas em relação a ele. O —Verbo|| requer ser —ouvido||, e procura pela —fé|| que se abre para ele e confia nele, obedecendo-lhe. É em torno disso, então, que girará a grande luta no evangelho, que testemunhamos capítulo após capítulo. E a partir dessa sua

primeira frase João tem condições de declarar corretamente no final de sua obra que a fé em Jesus foi o alvo de todo o seu escrito (Jo 20.31).

3

4

A seriedade com que tudo isso é proferido evidencia-se no v. 3. Se ele, que é —o Verbo||, já —estava com Deus|| —no princípio|| de todo o tempo e espaço e de todas as coisas, então esse mesmo Verbo tem de ser participante da criação. Assim como a formulação —no princípio|| aponta para o relato bíblico da criação, assim João pensa agora em como toda a criação de Deus aconteceu através de seu —falar||, de seu —Verbo||. —E disse Deus...||, soa repetidamente ao longo do relato da criação. A criação, portanto, aconteceu através dele, que em sua natureza é totalmente —a palavra de Deus||. É por isso que João testifica: —Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.|| A expressão —todas as coisas|| tem um sentido abrangente e está associada à palavra —universo||. O universo foi criado por Jesus e, com isso, também para ele. Precisamente nisso residem sua unidade e seu alvo, evoluindo por imensos espaços de tempo. Essa não é uma frase de mera especulação teórica. Essa declaração possui grande importância prática. Não existe uma única esfera em toda a criação que seja desconhecida de Jesus, que não esteja relacionada com Jesus! Isso é extremamente importante para nós, para quem o universo se estende numa magnitude inconcebível e assustadora. Também aquelas galáxias, aqueles sistemas de vias lácteas, que abrangem milhões de sóis a uma distância de milhões de anos-luz, foram criados por meio de Jesus e estão em correlação com ele e sua obra, mesmo que agora nós ainda não reconheçamos isso. Com isso nos são reveladas toda a magnitude e importância de Jesus, e ao mesmo tempo isso nos conforta, nós que lhe pertencemos, onde quer que estejamos no âmbito da criação. As asserções do Salmo 139, que inicialmente são assustadoras, adquirem um novo e bendito sentido para discípulos de Jesus sob esse enfoque: Em lugar e momento algum sairemos da esfera do poder de Jesus. O mais importante na criação, porém, é o ser humano. No fundo está em jogo o ser humano, o pequeno ser humano num cosmos gigantesco. Nosso versículo nos diz agora: Cada ser humano tem um relacionamento originário e indissolúvel com Jesus, uma vez que —nada do que foi feito se fez|| sem Jesus Cristo. A proclamação sobre Jesus não impõe a ninguém um personagem estranho, mas evoca aquele Um por meio do qual e para o qual a pessoa foi criada desde o início. A mediação de Jesus não é desencadeada apenas por ocasião do pecado. O —Filho|| não está inativo junto de Deus até que a miséria de nossa perdição o chame à ação. Ele é Mediador da criação, assim como é Mediador da redenção. E ele é uma coisa justamente por ser também a outra. Apesar de toda a magnitude dos incontáveis exércitos de estrelas no universo, a criação seria terrivelmente

rígida e fria se não existisse nela o milagre da —vida||. A vida natural já é um enigma para a ciência. Que profundezas misteriosas, porém, se abrem no momento em que nós, como seres humanos, perguntamos pela vida verdadeira, pela vida em sentido último e supremo! O pensamento e a reflexão humana sempre giram em torno da pergunta: Como encontrarei a vida genuína, verdadeira, inesgotável, a vida que realmente merece o nome —vida||? Assim, a mensagem de João vem ao encontro de nós humanos em nosso mais profundo anseio, quando nos declara: —A vida estava nele.|| Pois é por isso que João também exulta no começo de sua primeira carta: —A vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada|| (1Jo 1.2). E isso nós certamente cremos, quando ele acrescenta aqui: —e a vida era a luz dos homens||. Também nós associamos a palavra —morte|| à idéia da —noite mortal||, ou seja da —escuridão|| e das —trevas||. E também para nós a vida, ao contrário da morte, está cheia de luz e calor. Se tivéssemos a vida verdadeira, inesgotável, tudo ficaria cheio de luz. O próprio Jesus falará conosco repetidamente a respeito de —luz|| e —vida||. Pelo fato de que somente Jesus possui a —vida|| verdadeira, ele é, por isso, ao mesmo tempo —a luz do mundo|| (Jo 8.12). Em relação a ele, tudo o que conhecemos por —luz|| nada mais é senão comparação ou reflexo. Novamente nos foi dada, assim, ao mesmo tempo uma —interpretação|| da Escritura. Justamente a primeira palavra da criação de Deus em Gn 1.3 dá testemunho de Jesus (Jo 5.39). No extraordinário acontecimento, quando —houve luz|| e a luz penetrou nas trevas, Jesus estava atuando e trazia sua essência ao mundo. Nem aqui nem mais tarde João descreve o que é, afinal, a —vida||. Pode-se —descrever||, —explicar|| somente o que é rígido, mecânico, morto. Somente quando anseia por vida, quando realmente —vive||, o ser humano é capaz de pressentir o que é —vida||. No entanto, será benéfico lançarmos desde já um olhar para as afirmações que o mesmo apóstolo João faz em sua primeira carta, em 1Jo 3.14: —Aquele que não ama permanece na morte.|| Deus é o —Vivo||, justamente ao —ser amor|| (1Jo 4.16), ao amar o Filho (Jo 5.20) e ao lhe conferir participação em sua própria atuação, amando então o mundo de

5

maneira verdadeiramente divina (Jo 3.16). Sem esse amor a —vitalidade|| humana e divina seriam algo terrível. Porém precisamente como amor a vida é a luz dos seres humanos. No entanto, por que João formula: A vida —era|| a luz das pessoas? Esse —era|| refere-se ao tempo no paraíso, quando as primeiras pessoas verdadeiramente —viviam|| através do Filho, por meio e em direção do qual elas foram criadas? Ou será que com a forma verbal do passado João apenas visa lembrar de fato que as pessoas agora não têm mais essa vida, que é luz para elas, e que Jesus primeiro tem de trazê-la novamente para elas? Sendo assim, porém, que em Jesus vem a nós a vida ardentemente esperada, que

imerge tudo na luz, não devem todos correr em direção daquele Um em que desde o início estava a vida? Será que o relato de João não precisa necessariamente transformar-se na narrativa de uma única grande marcha de vitória dessa maravilhosa luz? Agora, logo no início de sua exposição, João aponta para o segundo mistério na história de Jesus, que ele caracterizará de forma mais assustadora ainda nos v. 9-11. A vida de Jesus não se torna uma marcha vitoriosa, mas a trajetória para a cruz. Aquele que traz a vida e a luz é rejeitado, odiado e morto. Como isso é possível? Com afirmações de estilo conciso e radical João expõe, sem maiores justificativas, e com todo o realismo, que esse mundo das pessoas, ao qual Jesus chega, é —trevas||. Com nenhuma palavra João nos informa como um mundo criado pelo —Verbo|| pôde tornar-se uma —escuridão|| dessas. Ele não fala da queda do pecado, assim como constantemente evita falar do que seus leitores já podem e precisam saber. A queda no pecado, porém, paira poderosamente por trás da breve afirmação de João. Mais importante do que todas as —explicações||, que no fundo não são capazes de explicar nada, é para João o inegável fato representado pelas —trevas||, que cada pessoa veraz terá de reconhecer como grave realidade. Jesus Cristo, a palavra eterna, está nesse mundo, e agora isso significa: —A luz resplandece nas trevas.|| O que acontece agora? Inicialmente João pode responder apenas com uma constatação negativa, que além disso é curiosamente ambígua. —A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a agarraram.|| Afinal, as trevas por natureza não podem querer a luz, —agarrá-la|| cheias de gratidão e alegrar-se com ela. Apenas são capazes de temer e odiá-la. Em consequência, a igreja de Jesus não deve admirar-se de antemão quando o evangelho claro não é aceito e —agarrado||, mas rejeitado e combatido. Contudo, deve-se questionar bastante se —agarrar|| possui de fato um significado positivo de —aceitar||, —compreender||. O prefixo grego kata, que está associado aqui ao verbo —agarrar, tomar||, corresponde ao nosso prefixo —sub||ou —para baixo de||. Portanto, o —agarrar|| é algo que submete debaixo de si aquilo que foi agarrado e se apodera dele. Importante é o paralelo em Jo 12.35, onde se afirma com toda a clareza que as trevas —apanham|| as pessoas. Nessa hipótese, a afirmação do versículo contém sobretudo um triunfo consolador. As —trevas|| não conseguiram —agarrar|| a luz, a fim de dominar e apagá-la. A luz ilumina as trevas sem que possa ser vencida. Os v. 12 e 13 nos mostrarão que maravilhoso resultado constantemente provém desse fato. A igreja presencia ambas as coisas em experiências sempre novas: as trevas não agarram a luz para sua salvação, mas também jamais são capazes de agarrá-la para destruí-la. INTERCALAÇÃO SOBRE JOÃO BATISTA – João 1.6-8

– Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João. – Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele. – Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz. 6-8 Acontece uma clara interrupção da seqüência do pensamento, que é continuada

no v. 9. Por assim dizer, temos de colocar os versículos 6-8 entre parênteses. Ao escrever sobre a luz que brilha nas trevas, João forçosamente se lembra de círculos que viram essa —luz|| em João Batista. As narrativas em Mt 3 e Lc 3 nos permitem depreender algo da profundidade com que este impressionou as pessoas e de como era intenso o movimento de avivamento desencadeado por ele. Não foram poucos naquele tempo os que foram atingidos no centro de suas vidas e que levaram adiante a notícia desse poderoso homem de Deus. Não era ele uma luz brilhante nas trevas deste mundo? Jesus confirma isso em sua palavra de Jo 5.35: —Ele era a lâmpada que ardia e alumiaava.|| Portanto, não é de admirar que havia comunidades do Batista na época dos apóstolos, as quais não devem ter sido insignificantes. Seus vestígios são encontrados em At 18.24s em personagens como Apolo e em At

6

7

8

19.1-7 nos —discípulos|| em Éfeso que não tinham o Espírito Santo e apenas conheciam o batismo de João Batista. João, que ainda falará diversas vezes de João Batista (Jo 1.29ss; 3.22ss), considera importante lançar desde já um olhar sobre esse personagem. Esse olhar é reto e límpido. João não tem necessidade de rebaixar o Batista de alguma maneira ou falar negativamente dele. Conceda-lhe toda a sua grandeza e importância. —Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João.|| Não pairam dúvidas sobre o envio e a autorização divinos de João Batista. Ela é designada com as mesmas expressões que o próprio Jesus emprega constantemente para o seu envio por parte do Pai. João e sua obra são de fato inequivocamente —de Deus||. Por parte de Deus, porém, foi determinado também o modo especial de sua atuação: —Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz.|| Na realidade há várias maneiras de falar. Quem, porém, tem a incumbência de ser —testemunha|| e —testificar||, não precisa desenvolver seus próprios pensamentos ou anunciar coisas e acontecimentos futuros. Tampouco lhe cabe relatar as opiniões ou experiências de outros. Cabe-lhe constatar fatos, sobre os quais ele possui certeza pessoal. Ainda haveremos de ouvir acerca do —testemunho|| de João Batista em Jo 1.26s e Jo 1.29-34. O alvo colocado por Deus para o testemunho é grandioso: —A fim de todos virem a crer por intermédio dele!|| Imediata e expressamente cita-se aqui o —crer|| como o comportamento decisivo da pessoa. —Testemunhar|| e —crer|| estão essencialmente interligados. —Aquele a quem uma testemunha falou está capacitado e comprometido a crer|| (Schlatter). Não basta apenas tomar conhecimento do testemunho de João Batista acerca da luz. Somente quando a pessoa aceita a luz com fé e se entrega à luz com confiança concretiza-se aquilo

que a salva das trevas e que Deus, por isso, visa alcançar com o testemunho de seus mensageiros. Esse —crer||, no entanto, também é tudo o que é necessário, sim, o que é possível diante de Jesus. Se João estava escrevendo com vistas à gnose de seu tempo, já expressa aqui uma rejeição radical com essa afirmação. —Todos|| devem vir a crer. João Batista não devia selecionar, limitando sua atuação a determinados círculos. O objetivo era Israel como um todo, sendo interpelado por Deus através de João Batista. Que incumbência! Com que grandeza João nos apresenta o Batista! Contudo, quem segue a este e pretende honrá-lo corretamente, deve praticar o verdadeiro alvo de sua atuação e vir à fé em Jesus. —Comunidades do Batista|| precisam tornar-se —comunidades de Jesus||. Então o envio divino de João Batista terá sido compreendido realmente. Diante de todo reconhecimento a João Batista e de sua grande incumbência divina é preciso destacar expressamente como um fato: —Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz.|| Ele era a lâmpada que queima e alumia (Jo 5.35; cf. o exposto sobre esse texto); mas não é —a luz||. —A luz|| é apenas Aquele único, o —Logos||, o —Verbo|| proferido pelo Deus de eternidade, sobre o qual João prossegue falando. A ATUAÇÃO DA VERDADEIRA LUZ - João 1.9-13

9

– A saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem. – O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. – Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. – Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; – os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus (ou: que creram no nome daquele que não foi nascido do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus). Agora João dá prosseguimento à sua exposição. O v. 9 conecta-se diretamente ao v. 5. João já havia falado do —Verbo||, do —Logos||. Em contraposição a João Batista, que era apenas —a lâmpada||, o —Verbo|| é —a verdadeira luz. Também na nossa percepção lingüística —verdadeiro, veraz||, tem o sentido de —genuíno, essencial, real||. Não estamos sendo enganados quando, com toda a determinação, reconhecemos —a luz|| unicamente em Jesus. Essa luz —ilumina a todo homem que vem ao mundo||. O que significa isso? Não é —estatística||, mas sim um princípio que deve ser afirmado imperiosamente a respeito daquele que é a verdadeira luz. João caracteriza apropriadamente a atuação de Jesus no evangelho ao mesmo tempo em que a

distingue fundamentalmente do método de trabalho de outras tendências religiosas. —Enquanto o rabino isola a comunidade judaica da humanidade por meio de sua lei, e o gnóstico oferece a seus alunos uma doutrina secreta, transformando seu culto num sistema, a atuação de Jesus atinge toda a carência

humana|| (Schlatter, op. cit., p. 16). Essa carência é constituída pelo fato de que o ser humano é aquele que —vem ao mundo||. Pois no —mundo|| ele está nas —trevas|| e carece da luz que ilumina. Porém, uma vez que —a luz resplandece nas trevas|| e não pode ser engolida pelas trevas, todo ser humano tem a oportunidade ímpar de ser iluminado por essa luz e conquistar a verdadeira vida. —Todo homem|| tem essa possibilidade, não apenas os membros do povo eleito, não apenas a pessoa de inclinações religiosas ou de elevados padrões morais e intelectuais. Todas as pessoas foram criadas pelo Verbo em direção a Ele, todas as pessoas buscam a luz, seu poder iluminador está disponível para todas as pessoas. Ninguém é excluído! Como esse fato foi admiravelmente comprovado nos 1900 anos de proclamação em todo o mundo! Outra questão bem diferente é se, afinal, —todo homem que vem ao mundo|| realmente se deixa iluminar pela verdadeira luz. Os próximos versículos responderão essa pergunta de forma duramente negativa, e todo o escrito de João revela repetidamente esse não. 10 —Ele [o Verbo] estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu.|| No uso do termo —mundo|| as testemunhas bíblicas não pensam apenas na natureza, em plantas, animais e estrelas, mas no —mundo dos humanos||, no mundo da história. Sem expressar desde logo todo o paradoxo da revelação como no v. 14, ainda assim João nos deixa alertas: —Ele estava no mundo||, o Verbo eterno, oriundo de Deus e voltado para Deus. Isso é concebível? Sabemos que esse —mundo|| não é divino, e sim um mundo do pecado e da morte. Será que o Logos pode estar neste mundo, tão diferente em sua essência? João atesta o fato: —estava no mundo||. Não devemos esquecer, porém: —O mundo foi feito por intermédio dele.|| Independente da situação do mundo hoje, sua origem está em Deus e em seu —Verbo||. Ao contrário de todas as visões de mundo —dualistas||, o evangelho não vê o —mundo|| como mau e contrário a Deus em si mesmo, nem como formado por um poder hostil a Deus. O mundo é e continua sendo —criação||. Obviamente, tanto mais enigmático e assustador é o fato já apontado pelo v. 5, e que agora nos é mostrado com mais clareza ainda. —O mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu.|| Ou seja, o mundo não reconheceu e não reconhece aquele pelo qual na realidade foi feito. Pelo fato de ter sua existência através do —Verbo|| e simultaneamente estarem nesse —Verbo|| o sentido e alvo dessa existência, o mundo também deveria —reconhecer|| o —Verbo|| quando este, agora, —está no mundo|| na pessoa de Jesus. Por isso, o —não conhecer|| não constitui um equívoco desculpável, uma mera deficiência na força de percepção, mas uma culpa, por trás da qual está oculto um —não querer conhecer||. E quando o —mundo||, ou seja, o ser humano como é agora, não reconhece Aquele que é sua vida real, sua verdadeira luz, isso significa ao mesmo tempo uma perdição total. O que será do mundo que não conhece nem quer conhecer Aquele que, afinal, é sua origem e seu destino? 11 O v. 11 explicita de forma mais clara a gravidade desse acontecimento. —Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.|| O Logos era como um senhor que retorna para casa, e agora seus

próprios familiares lhe fecham a porta. É necessário e até correto, levando em conta o conjunto do texto, considerar que o versículo se refere especificamente ao povo judeu. Com vistas ao —povo da propriedade||, uma afirmação assim seguramente adquire uma expressividade especial. O judeu devia reconhecer, antes de todos os outros e a partir de sua vida sob a palavra de Deus, Aquele que em toda a sua pessoa é —o Verbo||. Mas precisamente ele é quem expulsa Jesus e o mata. No entanto, a —propriedade||, o —lar|| do Logos é a criação toda, o —mundo||, todas as pessoas são —os seus||, porque todo ser humano foi feito por meio dele (cf. acima, o exposto sobre os v. 1-3), e porque a verdadeira luz ilumina a —todo homem||. Por isso o terrível enigma também não pesa apenas sobre o povo de Israel, mas sobre o mundo inteiro. A trajetória da mensagem de Jesus pelos séculos e em redor do universo está permanentemente acompanhada da soturna melodia —e os seus não o receberam||. Não há como explicar isso, pois —pecado|| e —culpa|| deixariam de ser o que são se de alguma maneira pudessem ser tornados compreensíveis. Faz parte da natureza do —maligno|| que ele seja inexplicável. Qualquer —explicação|| o privaria de seu caráter de culpa imperdoável. 12 Portanto, será que a verdadeira luz resplandece em vão? Acaso o Logos chega simplesmente em vão à sua propriedade? Não, há pessoas que —o recebem||. João não diz nada sobre seu número. Dependendo do ponto de vista, podem ser —poucos|| ou —muitos||. Porém, —a todos quantos o

receberam|| é dado algo inacreditavelmente grande e glorioso. O Logos —deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.|| Será mesmo que isso é algo tão magnífico? Para nós a expressão —filho de Deus|| não diz mais muito. Parece-nos algo —óbvio|| que todos sejam filhos de Deus. Sabemos muito pouco da majestade e santidade de Deus para poder verdadeiramente captar o que significa ser um —filho|| desse Deus e ter um direito pátrio junto dele. Somente quem passou por algo semelhante ao que Isaías experimentou no encontro com Deus (Is 6!), quem sentiu saindo do coração assustado o —Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros|| poderá aquilatar a —autoridade|| que está contida no fato de sermos filhos desse Deus santo e —habitar com chamas eternas e com o fogo devorador|| (Is 33.14). Jesus, porém, concede essa extraordinária autoridade aos que o recebem. Quem recebe o —Filho unigênito do Pai|| é por isso elevado pessoalmente à posição de filho perante Deus. Por intermédio do —Filho|| torna-se um —filho de Deus||. O —receber|| é explicado. Significa —crer no seu nome||. Para nós, o —nome|| é algo fortuito e sem importância. Para a Bíblia, porém, os nomes são significativos. Apontam para a essência de uma coisa ou pessoa. Por isso o nome —Jesus|| também é determinado pelo próprio Deus e comunicado a José e Maria por intermédio de um anjo. Ele identifica o portador desse nome como aquele que —salvará o seu povo dos seus pecados|| (Mt 1.21). No entanto, João ainda não mencionou o nome Jesus. No contexto de nosso texto somente pode tratar-se

do nome pelo qual João expressou a verdadeira natureza de Jesus, ao designá-lo de Logos, o —Verbo||. Quem capta o —Verbo|| eterno, no qual o próprio Deus se articula, no homem Jesus, e quem se abre a esse —Verbo|| com confiança e obediência, esse o —recebe verdadeiramente|| e obtém a autoridade para ser filho de Deus. 13 O v. 13 dá prosseguimento à explicação mais minuciosa. O que, porém, é explicado? O texto apresenta duas variantes, ambas documentadas por bons manuscritos, e ambas gerando um sentido essencial. A frase pode ter sido escrita originalmente no singular: —O qual não nasceu do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.|| Nesse caso o versículo seria uma explicação mais precisa de como se deve entender o —nome|| ímpar daquele a quem é devotada nossa —fé||. Crer em seu nome significa, então, compreender que em Jesus está diante de nós aquele que por essência é nascido de Deus, enquanto todas as demais pessoas, também as maiores e mais poderosas, realmente são oriundas apenas do sangue e da vontade da carne e da vontade geradora de um homem. A negação, três vezes sublinhada, da origem natural seria, nesse caso, uma prova de que também João conhece e reconhece a origem maravilhosa de Jesus e sua importância fundamental, mesmo que no mais não fale dela na exposição do evangelho. Não a vontade do homem José, nem a pulsão natural do sangue, nem o relacionamento sexual natural gerou Jesus. Ele é —nascido de Deus||. Uma afirmação dessas de João seria particularmente importante para a compreensão correta de Jo 6.42; 7.41s. Enquanto João informa, em consonância com a verdade, que, a partir do fato de Jesus descender de José de Nazaré, as pessoas se escandalizam com ele, João estaria recordando aos leitores do presente versículo, no qual os remeteu ao misterioso nascimento de Jesus. Não obstante, os manuscritos a que nos atemos também no restante do texto trazem o plural no presente versículo: —Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.|| Nessa forma, o versículo representa mais uma caracterização dos que crêem. Conseqüentemente, seu —tornar-se|| filhos de Deus tem uma conotação de seriedade extrema. Eles não apenas recebem —a posição|| de filhos na casa de Deus e não apenas adquirem a autoridade de recorrer a esse nome sublime. Pelo contrário, a situação é como João expõe na sua primeira carta, na qual ele acrescenta expressamente ao —ser chamados filhos de Deus||: —e de fato o são|| (1Jo 3.1). Nesse sentido essencial, torno-me —filho|| apenas por —nascimento||. Quem —crê no nome dele||, tem o privilégio de saber que aconteceu um misterioso nascimento com ele, um evento que designamos de —renascimento||. Acontece aquilo que Jesus descreve para Nicodemos, —ser nascido do alto||, do Espírito de Deus. O —renascido|| é a —pessoa espiritual|| da qual Paulo fala (Rm 8.1-10; Gl 6.1). No Espírito de Deus ele traz em si essencialmente vida divina, motivo pelo qual ele é —filho de Deus||. A característica determinante de sua vida é a —fé em seu nome||. Esse —crer|| em seu nome não provém da —vontade da carne||, nem mesmo da carne devota. A —carne||, ou seja, o ser humano natural, não é capaz de crer. Tampouco a força

máxima de decisão que um —homem|| puder concentrar em sua vontade é capaz de gerar a fé pela força. A nossa perdição é tão séria porque unicamente o milagre de um novo nascimento é capaz de nos presentear com a ruptura para a fé.

Novamente deparamo-nos com um mistério. Na verdade não existe nada mais natural que —aceitar|| Aquele que vem a nós como o Verbo eterno e como nossa própria origem. Cada pessoa teria de ver essa —luz|| e agarrar com alegre avidez essa —vida||, acolhendo aquele do qual e para o qual ela foi criada. Contudo, uma enigmática e pecadora obstinação nos impede de fazer o que teria de acontecer de forma singela e límpida. Essa é a profundidade de nossa perdição. Apenas o milagre de um novo nascimento a partir de Deus nos salva dela. A exposição de João constantemente gira em torno desse acontecimento, o enigma da fé e o enigma da incredulidade. A DÁDIVA DO REVELADOR – João 1.14-18 – E o Logos (o Verbo) se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai. – João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim. – Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça. – Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. – Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito [um unigênito, Deus por espécie], que está no seio do Pai, é quem o revelou. João já havia declarado que —o Verbo|| não permaneceu junto do Pai, como que olhando de cima para baixo e observando de longe este mundo, mas —estava no mundo||, como luz —resplandece nas trevas||. Contudo, isso ainda foi dito de maneira misteriosa e sem caracterização mais precisa. Agora esse —estar no mundo|| do Logos é definido com uma única breve expressão de nitidez radical: —E o Logos (o Verbo) se fez carne.|| 14 Em relação ao v. 10 já indagamos se, afinal, o Logos de Deus realmente poderia estar no —mundo||, tão alheio a ele por natureza e caracterizado por —trevas||? Porém, uma vez que ele já estava nele, não deveria apenas fazer uma visita rápida, uma visita em que se dissociasse e mantivesse uma resoluta distância de tudo que fosse alheio à sua natureza? E uma vez que ele já tinha figura humana, será que ele não agiria da mesma forma como também os gregos relatavam de seus deuses: apareciam na terra sob um disfarce qualquer, para rapidamente retornarem a seu aprazível céu, sem se envolver com todo o fardo terreno das pessoas? Não, diz João, a mensagem de Jesus é algo radicalmente diferente de todos os mitos e lendas sobre deuses. Cada palavra da afirmação reveste-se de importância. Pois a afirmação é assombrosa: O —Verbo|| eterno, no qual Deus expressou todo o seu coração e seu ser, —tornou-se carne||, tornou-se uma pessoa real de carne e sangue. Isso é —revelação|| genuína. Deus não passou entre nós num invólucro aparente de humanidade, intocado pela verdadeira condição humana, mas Deus se tornou verdadeiramente um de nós, numa solidariedade plena. Por isso não se diz

apenas: A palavra se tornou —ser humano||, mas, enfatizando a condição real do ser humano, ouve-se: o Verbo se tornou —carne||. Desde o AT —carne|| caracteriza o ser humano em sua debilidade, transitoriedade e mortalidade; cf., p. ex., Sl 56.5; 78.39; Is 31.3; 40.6-8; Jr 17.5. Na declaração correspondente em Rm 8.3 Paulo fala da —carne do pecado||. Também para João a —carne|| faz parte das —trevas|| do mundo alienado de Deus (Jo 3.6; 6.63). Contudo, não é isso que ele está destacando agora. Seu intento é que a palavra —carne|| deixe claro que o Verbo eterno se insere integralmente na existência humana como um todo. Por isso também evitou qualquer formulação que poderia dar a entender um mero —revestir-se|| da carne. De forma intencional escolheu-se a expressão abrupta e inequívoca: O Logos —se fez|| carne. —E o Verbo se fez carne.|| Essa é a frase decisiva no início do evangelho. Só porque isso aconteceu é realmente possível escrever um —evangelho|| e João pode fornecer um relato histórico de Jesus. Agora, porém, é necessário que isso realmente se torne um relato —histórico||. É precisamente por isso que João nos dará referências históricas muito precisas sobre o local e as épocas, mencionando em sua narrativa também detalhes teologicamente insignificantes, mas que fazem recordar com quanta plenitude o Verbo eterno penetrou na existência humana histórica. Do mesmo modo, porém, temos de nos lembrar, em tudo que João nos relatará sobre Jesus, de que esse homem é verdadeiramente o eterno Verbo de Deus.

A —revelação|| é, portanto, —encarnação|| = —tornar-se carne|| por parte do Verbo de Deus. Afirmase assim que ela não é apenas um assunto para o nosso —pensar||, não mera comunicação de pensamentos e doutrinas divinas. —Revelação|| é muito mais essencial e impactante. O Verbo de Deus não está apenas entre nós como idéia, mas essencialmente como ser humano. —Deus|| está visível entre nós como —pessoa||, como pessoa integral para toda a nossa existência humana. Foi concedido a João que expusesse diante de nós essa importância fundamental da —revelação|| antes de falar acerca de Jesus. Cada uma das testemunhas do NT tem sua própria tarefa e mostra à igreja de todos os tempos os grandes feitos de Deus de uma perspectiva especial. Para Paulo, —a palavra da cruz|| é tudo, depois que a cruz de Jesus havia sido o tropeço que provocara sua ira acirrada contra Jesus e seus discípulos. É claro que também Paulo está consciente da importância da —encarnação||, em Fp 2.5-8; Gl 4.4; Rm 8.3s. A última passagem, porém, demonstra que Paulo imediatamente tem em mente também a cruz. João, porém, consegue formular o evangelho integral na —palavra da encarnação||. Ele nos mostra como nossa redenção está fundamentada não somente no episódio da cruz, mas já nesse imenso passo do Logos para dentro da carne. Ele nos faz pressentir que esse —fazer-se carne|| do —Verbo|| é o começo fundamental da —cruz||, de como Jesus sofreu para suportar o pecado e a perdição das pessoas. É por isso que João Batista vê, muito antes da cruz, logo no primeiro encontro, Jesus como o —Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo|| (Jo 1.29). Não apenas cobrir-se da —carne|| como um

disfarce, mas —fazer-se|| carne, isso significa assumir sobre si, em total solidariedade conosco, nossa vida de pecado e morte, e —carregá-la|| dia após dia até a morte, sim até a morte na cruz. —O Verbo se fez carne||: como isso é possível? Para essa pergunta não há e não deve haver resposta, porque dissolveria o milagre da revelação. Contudo, uma coisa podemos afirmar como antevisão de Jo 3.16 e sob o testemunho de João em 1Jo 4.9s, a saber, que nisso resplandece a glória do amor. —Encarnação||, solidariedade plena com nossa vida humana, assumir toda a nossa existência – isso é amor, e é unicamente consumado pelo amor. E inversamente, o que realmente é —amor|| somente pode ser apreendido dessa encarnação, desse fazer-se carne por parte do —Verbo||. João continua sua frase fundamental. O que o —Verbo|| fez quando se tornou —carne||? —Habitou entre nós.|| Muitos gostam de assinalar que para —habitar|| é usado um termo grego que na realidade significa —armar a tenda||. Porém, se isso visa ressaltar que o Logos apenas —acampou|| entre nós e não —habitou|| realmente, então nos encontraríamos novamente nas cercanias do —docetismo||. Nem em idiomas estrangeiros nem em nosso próprio podemos simplesmente retomar antigos significados básicos de termos. As palavras estão em permanente e viva mudança de sentido. A palavra que João utiliza seguramente tinha naquele tempo o sentido de um verdadeiro —habitar|| e não o sentido de uma visita fortuita. Talvez tenha sido usada a expressão —acampar|| porque Deus habitou no meio de Israel primeiramente na —tenda da revelação||, o —tabernáculo||. É por isso que João também no Apocalipse (Ap 21.3) fala da —cabana|| (literalmente: da —tenda||) de Deus entre os humanos|| e igualmente reproduz o —habitar|| de Deus com as pessoas, ali prometido, por meio do termo —acampar||, apesar de que a visão seja nitidamente de seu habitar eterno, jamais cessante. O Verbo eterno do Pai, que agora —habitou entre nós||, é o cumprimento da velha história de Israel (Êx 25.8; 29.45), bem como do prenúncio profético (1Cr 23.25; Jr 7.3; Ez 37.27; Zc 2.14), havendo, por sua vez, de encontrar seu último cumprimento eterno na nova terra. Deus já habitou na tenda da revelação e habitou em seu santo templo. Agora ele habita conosco em Jesus. Nesse texto, pois, fica claro que Jesus é o verdadeiro templo, dando-nos realmente aquilo que se buscava no templo de Jerusalém (e também em todos os templos do mundo). Aqui reside a base da palavra de Jesus em Jo 2.19, do mesmo modo como da afirmação de Paulo sobre a igreja de Jesus, que como —corpo do Cristo|| é ao mesmo tempo o templo de fato, no qual Deus agora habita sobre a terra (1Co 3.16; 14.25). Pelo fato de que o Verbo se fez carne e habitou entre nós tornou-se possível o que João atesta em seguida: —E vimos a sua glória.|| João optou pelo termo —ver||, que assinala um ver real, atento, observador. João nos diz em sua primeira carta como esse ver é sério e real. Em vista do —Verbo da vida||, ele escreve ali: —O que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam|| (1Jo 1.1). Essa não é uma experiência concedida às igrejas, para as quais João escreve. A elas isso é testemunhado, para que —creiam||. Elas são benditas pelo próprio Jesus,

porque —não vêem e apesar disso crêem||. É por isso que as igrejas precisam da palavra daqueles que podem afirmar: —Nós vimos, nós contemplamos||, a palavra das testemunhas oculares. Por meio desse —nós|| o autor do presente evangelho se inclui expressamente entre essas testemunhas oculares.

Porém, o que João —viu||? Naquele tempo multidões de pessoas haviam visto o homem Jesus de Nazaré. Porém muitas delas viram em Jesus o —samaritano||, o —herege||, o —homem demoníaco|| (Jo 7.20; 8.48; 8.52; 10.20). O —nós||, ao qual João pertence, viu algo bem diferente: —a sua glória||. A palavra —dóxa|| = —glória|| é a réplica grega do termo hebraico do AT —kabod||. A raiz subjacente significa inicialmente —ter peso|| e a partir daí torna-se expressão da —gravidade||, —grandiosidade||, —honra||, —glória||. O AT já tem ciência de que em sentido extremo e verdadeiro somente o Deus vivo é tão —pesado||, sumamente importante, grande e —glorioso||. E essa —glória|| divina João e seus amigos viram em Jesus, embora ele fosse —carne||, esse homem real, sofredor, moribundo. Sim, aprenderam do próprio Jesus a ver precisamente em sua —humildade|| a sua —glória||, em sua cruz a sua —exaltação|| (Jo 3.15). As testemunhas oculares viram em Jesus —glória||, porém não a glória insuportável de Deus, diante da qual até os grandes anjos ao redor do trono escondem o rosto. Ela é a glória refletida, no —Verbo||, uma —glória como a de um filho único do Pai||. Conhecemos a expressão —o Filho unigênito||. Ela é a tentativa de reproduzir da maneira mais literal possível o termo grego —mono-genes||. Contudo, a segunda parte desse termo provavelmente não deve ser derivada de —genesthai|| = —ser nascido||, mas de —genos|| = —espécie||. Desse modo, —mono-genes|| seria um equivalente para —único, singular||. Não havia necessidade de declarar que Deus tinha apenas um só Filho. Mas o foco dirige-se sobre o fato de que Jesus se encontra num relacionamento —singular|| com o Pai e é o único —Filho|| desse Deus. Essa é sua —glória||, que João —viu|| em todas as palavras e ações de Jesus. Em seguida, capítulo após capítulo, João nos permitirá vê-la também. É justamente por isso que não temos somente as —cartas|| do NT, com suas instruções doutrinárias sobre Jesus, mas também os —evangelhos||, com sua —imagem|| de Jesus, para que também nossa fé possa —ver|| pessoalmente algo daquele a quem ela se entrega para a vida e a morte. Em razão disso a igreja de todos os tempos deve e pode confessar esse sentido derivado: —Vimos a sua glória, glória como do único Filho do Pai.|| É tarefa de cada leitor dos evangelhos exercitar esse —ver|| a Jesus. Mais tarde João viu outra vez a glória de Jesus, e isso não aconteceu na carne, mas de forma direta, quando se achava em espírito e podia contemplar o mundo celestial: Ap 1.12ss. Mas então —caiu aos pés de Jesus como morto||. O —Verbo|| se fez —carne|| para que possamos encarar a glória do Filho sem ser destruídos diante dela e morrer. No ser humano Jesus a luz da revelação resplandece da forma como podemos suportá-la agora. Conseqüentemente, João está proferindo uma palavra santa, mas verdadeiramente alegre e grata. É por essa razão que João

acrescenta: essa glória é —cheia de graça e de verdade||. Vir a nós de tal maneira que possamos vê-lo e suportá-lo, e por causa disso assumir a encarnação, isso é —graça||. João opta pelo termo —charis|| = —graça||, não pela palavra —éleos|| = —comiseração||. João pensa totalmente a partir de Deus e não a partir da miséria humana. Descreve o grandioso movimento de cima para baixo. Esse movimento é —charis||, —graça||, é condescendência, também quando a miséria humana a requer. Toda pessoa que sabe a quem se refere ao dizer —Deus|| compreende sem maiores explicações que Deus tem —glória||. A pergunta, porém, é em que consiste a —glória|| de Deus. Por natureza nós, seres humanos, consideramos, conforme nosso próprio modo de ser, a —glória|| como desdobramento de poder, brilho e magnitude. E com certeza o Deus vivo também possui essa —glória||. Porém já no AT evidencia-se que a mais verdadeira glória de Deus é de espécie bem diferente. Já no AT Deus segue uma trajetória humilde. Deus não se revela nos grandes impérios mundiais e nos ápices da história. Ele é —o Deus de Abraão, Isaque e Jacó||. Ele elege para si o pequeno e esmagado Israel, demonstrando já então sua —tolice|| e —fraqueza|| (1Co 1.25) como sua grandeza e força divinas. Tudo isso é pura —graça||. Por isso, quando Deus pronuncia seu nome perante Moisés, que quer ver a —glória|| de Deus, a única coisa que pode soar é: —Senhor, Senhor, Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade|| [Êx 34.6]. É por isso que Israel, que sentia falta de poder divino em Jesus, deveria ter reconhecido, justamente com base em Moisés e no AT, a verdadeira glória de Deus —cheia de graça e de verdade|| em Jesus. João fala de graça —e verdade||. Já no AT encontramos essa correlação de —graça|| e —verdade|| (Sl 89.15; 92.3; 100.5; 115.1). O termo hebraico para —verdade|| é derivado da raiz —aman||, que significa —ser firme||. O que é firme e confiável e que por isso não nos engana nem decepciona, isso é —verdadeiro|| e —verdade||. É por isso que no Sl 89.15 a tradução de Lutero reproduz —verdade||

também por —fidelidade||. A —graça|| em Jesus é graça genuína, na qual podemos confiar integralmente. A —verdade|| é a realidade autêntica em contraposição a toda aparência e distorção da realidade na —mentira||. A —verdade|| é —luz|| contra todas as sombras e —trevas||. A verdade de fato destaca-se em Jesus, enquanto no mundo alienado de Deus tudo é distorção, desfiguração e, por isso, inautenticidade e inverdade. Enquanto o mundo nos acusa de que cremos em fábulas e construímos para nós um mundo religioso fictício, de fato temos em Jesus a verdadeira realidade. O fato de que ela nos é mostrada em Jesus constitui —graça||. Conseqüentemente, —graça|| e —verdade|| estão intimamente ligadas. 15 Novamente a palavra de João Batista se torna importante para João. Ele próprio havia sido atingido pelo movimento em torno do primeiro e via os grupos consideráveis que ainda se reportavam a ele. João Batista, no entanto, é a —testemunha|| para a glória de Jesus. —João testemunha a respeito dele e exclama.|| Literalmente, afirma-se: —Ele gritou e

diz.|| Esse —gritar|| é expressão de uma certeza plena que enche todo o coração, não apenas em tímidas e leves insinuações, mas —em alta voz||. João Batista testemunhou claramente: —...o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.|| Jesus aparece somente —depois|| de João Batista. Por isso poderia parecer que ele era algo como um fruto do movimento de avivamento, um seguidor de João Batista, um continuador da obra dele. Talvez as comunidades do Batista ainda afirmassem isso no tempo dos apóstolos. Contudo apenas parece ser assim. Na realidade Jesus se —antecipou|| a João Batista. É o que o próprio João Batista afirma em seu jogo de palavras. Pois Jesus é —anterior||, sim —existia|| —antes|| de João. Até que ponto chega esse —antes||, isso João ainda deixa em aberto. Ele apenas testemunha aquilo que sabe claramente, sem tirar daí conclusões arbitrárias. O próprio Jesus retomará esse —antes|| e o afirmará em sua verdade plena: não apenas antes de João Batista, não, —antes que Abraão existisse, eu sou|| (Jo 8.58). 16 Agora prossegue o próprio evangelista. É impossível que a declaração do v. 16 venha dos lábios de João Batista. Aparece o mesmo —nós|| que falou no v. 14. Esse —nós||, essas testemunhas oculares, não apenas —viram||. Não permaneceram —espectadoras||, mas estabeleceram com Jesus a mais estreita comunhão de vida e, assim, —receberam da sua plenitude, e graça sobre graça||. João somente consegue olhar admirado e grato para sua vida passada, que foi imensuravelmente enriquecida por meio de Jesus. Ele experimentou como era grande e maravilhosa essa —plenitude||, da qual podia receber de forma ilimitada. O termo —pleroma|| = —plenitude|| é novamente um conceito definido que a gnose costumava usar. Porém, independentemente do que pensadores gnósticos pudessem imaginar e fantasiar acerca do —pleroma||, João havia encontrado em Jesus a autêntica e verdadeira —plenitude||. Aqui a —plenitude|| não era conceito e não era idéia, mas podia ser constantemente experimentada como realidade. Novamente, porém, isso não representava uma peculiaridade de João. Por meio de um —todos nós|| ele se une a muitos. E dessa vez não são apenas as testemunhas oculares e o apóstolo. A igreja de Jesus só pode afirmar —Vimos a sua glória|| em sentido figurado. —Nós temos recebido da sua plenitude||: essa é a experiência própria de todos os cristãos de todos os tempos e lugares. Nessa única frase sucinta se expressa a verdadeira essência da vida cristã. Viver como —cristão|| jamais significa ter algo em si próprio, mas retirar e receber incessantemente de uma plenitude inesgotável. Em todas as visões de mundo e religiões, a questão gira em torno de nossas —realizações|| e nossos —méritos||. No evangelho tão somente podemos enaltecer com gratidão o que —temos recebido||. E o que obtivemos nele é —graça sobre graça||. Enquanto no início da vida cristã nos deparamos, assombrados, com a graça, que nos trouxe de maneira redentora das trevas para a sua maravilhosa luz, da morte para a vida, no decorrer de nossa vida essa graça do início é inundada por graças sempre novas, assim como de uma fonte cheia jorra água sobre água. Por isso a vida cristã é, do início ao fim, admiração e gratidão e —alegria completa|| (Jo 15.11).

—Todos nós temos recebido||, escreve João em sua época, olhando para a pequena cristandade daquele tempo. Que amplitude esse —todos nós|| alcançou entrementes! Quanto mais convicção ele adquiriu! O pequeno cristão isolado pode levantar o olhar em horas de desânimo e ver-se em meio a essa multidão enorme, que lhe atesta: —Todos nós, nós temos recebido dessa plenitude.|| Como isso seria possível se essa plenitude não existisse e se ela não fosse verdadeiramente divina? 17 Essa vida de constante receber graça sobre graça é o contraste perfeito para a vida sob a lei. Debaixo da lei deveríamos dizer: —Da nossa plenitude todos nós temos produzido obra sobre obra.|| É por isso que João olha justamente agora para a lei e constata: —A lei foi dada por intermédio de

Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.|| Um escrito sobre Jesus, redigido por um israelita, visava e precisava visar leitores judeus. Conseqüentemente, as primeiras palavras desse escrito falavam singularmente para corações judaicos, que viviam do AT: —No princípio era o Verbo.|| Esses leitores, no entanto, perguntavam naturalmente: —E o que tem Moisés? O que é feito da lei?|| Ela é integralmente reconhecida: —A lei foi dada por intermédio de Moisés.|| Na história da revelação não se faz nenhuma dedução. João não desenvolve, como Paulo, uma doutrina própria da lei, que apesar de toda a sua santidade e glória somente pode ser para nós —ministério da morte|| e —ministério paramorte|| (2Co 3.7,9; Rm 5.20; 7.7-13). Em essência, porém, João não está ensinando a mesma coisa quando constata: —Graça e verdade|| não vieram pela lei; elas somente —surgiram por meio de Jesus Cristo||. Mais uma vez somos confrontados com o nexos interior de —verdade|| e —graça||. Debaixo da —lei|| não se chegou à —verdade||, mas sim à —hipocrisia||, à vida aparente de uma devoção inautêntica. Jesus o havia demonstrado pessoalmente com profunda seriedade (Mt 6.118). A realidade verdadeira de uma vida com Deus somente existe quando a graça governa e a graça aceita produz de fato a condição de filhos de Deus. A lei leva à aparência forçada ou ao desespero. A graça, porém, faz com que a verdade —surja||. Essa formulação de uma —verdade surgida|| mostra que não estão em jogo as —eternas verdades|| teóricas da filosofia, mas sim uma condição de vida que realmente —surge por meio de Jesus Cristo||. Tudo o que a —lei|| exige em vão e o —idealismo|| apenas nos apresenta como belo sonho, isso se torna realidade viva quando uma vida humana é atingida por Jesus Cristo. Até hoje, em todo o mundo, os cristãos reais por meio de Jesus Cristo entre nós são —verdade acontecida||. 18 Agora, para finalizar, a revelação de Deus em Jesus é expressa mais uma vez. Nisso se constata, não com certo acanhamento, mas com clara determinação: —Ninguém jamais viu a Deus.|| O —jamais|| evidencia que também nesse caso João não é —pensador||, que explica verdades fundamentais, mas sim testemunha, que nos confronta com fatos. Foi isso que aconteceu: Ninguém, nem mesmo Moisés, reivindicou ter visto a Deus. É óbvio que por trás desse fato histórico há razões

substanciais. A criatura impura e pecaminosa não pode suportar a presença do Deus santo. —Ver|| a Deus significa desmoronar e morrer. Quem reivindica, séria (Êx 33.18-23) ou ironicamente, ter visto a Deus, não sabe o que faz. Essa —invisibilidade|| de Deus às vezes pode nos causar aflição, quando chega aos nossos ouvidos a pergunta —O teu Deus, onde está?|| (Sl 42.3). Contudo ela não é uma —deficiência|| de Deus, mas é parte indissolúvel da natureza de Deus nesta época e neste mundo. Tanto maior é a dádiva que João atesta. —Um único nascido, Deus [por espécie], é quem trouxe notícia.|| Que frase! Não é de admirar que se tentou amenizar uma formulação tão sucinta e seca. Os manuscritos da koiné escrevem em lugar de —um único nascido, Deus|| o seguinte: —o Filho unigênito||, sendo que no idioma e na escrita grega as palavras —Deus|| e —Filho|| são mais semelhantes do que no português. Igualmente se tentou passar —Deus|| para o genitivo: —o único nascido de Deus.|| Além do mais, à mera afirmação —é quem trouxe notícia|| acrescentou-se um —nos|| para facilitar. Contudo, é uma boa regra considerar o texto mais curto e mais duro como o mais original, porque atenuações e acréscimos são bem compreensíveis entre copistas posteriores. Acompanhamos a forma textual do manuscrito —H|| e mantemos a frase que, segundo as características de João, se encaixa em todo o prólogo: —Único nascido, Deus por espécie, trouxe notícia.|| Como no v. 1, também aqui o breve aposto —Deus|| deve ser entendido como indicação da natureza essencialmente divina —desse único nascido||. Ele, somente ele podia verdadeiramente trazer notícia de Deus, porque ele era esse —único sem igual||, junto de Deus já no princípio e ele próprio —Deus por espécie||. Ele possui o conhecimento seguro acerca de Deus. Dele dependem todos. Nele se tranqüiliza a busca por Deus por parte da humanidade, porque é nele que ela encontra a resposta clara e confiável. Que presente! A expressão —trazer notícia|| de certo poderia soar de modo difuso. No texto grego, porém, usa-se a palavra que ainda hoje usamos para uma explicação precisa e minuciosa de um texto: a palavra —exegese||. Assim como numa exegese correta o sentido de um texto é abordado exaustivamente, assim Jesus —exegetou|| para nós a poderosa palavra —Deus||. Por intermédio de Jesus foi mostrado claramente quem Deus é realmente. Jesus é capaz de realizar esse serviço, porque até mesmo agora, enquanto vive como ser humano na carne sobre a terra, —está no seio do Pai||. A duração constante dessa situação é expressa por João pela formulação literal: —o que permanece no seio do Pai||. Naturalmente não se pensa na pequena criança que está deitada no peito do pai ou da mãe. João ilustra por meio da forma de tomar refeições naquele tempo. As pessoas não estavam —sentadas|| à

mesa, mas —deitadas|| sobre almofadas, cuja cabeceira estava voltada para a mesa. Quem tem sua almofada ao lado da do hospedeiro e, por isso, está —deitado ao peito do dono da casa||, desfruta do contato mais íntimo e próximo com ele. Talvez essa figura se apresentasse a João de forma bem peculiar porque ele próprio teve a possibilidade de experimentar essa proximidade com Jesus e